

AFETIVIDADE E INDISCIPLINA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Carla Heloísa de Souza Mariano
Secretaria Municipal de Cachoeira dos Índios/PB
heloisacarla27@gmail.com

Zildene Francisca Pereira
Universidade Federal de Campina Grande
denafran@yahoo.com.br

Resumo

Discutir os principais conceitos da teoria walloniana não é uma tarefa simples, principalmente porque ficamos presos à compreensão da afetividade como atitudes maleáveis que leva em consideração apenas expressões de bem-estar. Por isso, optamos em levantar algumas discussões sobre o conceito e a compreensão do termo afetividade na perspectiva walloniana, mediante casos de indisciplina no contexto escolar. Tendo como objetivos: refletir a relação afetividade e aprendizagem escolar diante das diversas realidades vigente quanto ao comportamento emocional dos alunos; repensar a prática docente sobre o ser afetivo para com as diversas realidades postas no contexto escolar advindas das práticas de indisciplina. O trabalho trata de uma revisão de literatura versando sobre a compreensão de indisciplina e o conceito de afetividade sobrepostos a realidade escolar, considerando que, na escola estamos constantemente sendo afetados mediante as relações de modo agradável ou desagradável. A teoria walloniana foi o nosso aporte teórico central, mas com outras leituras de estudiosos da temática afetividade como: Mahoney; Almeida (2000; 2004; 2005), Sérgio Leite (2006), Dér (2004) Freire (1996), dentre outros. À medida que estudamos a teoria walloniana podemos inferir que não é possível dissociarmos a discussão da afetividade da sua relação com o cognitivo e a motricidade que envolve os processos de ensino-aprendizagem. Assim, podemos afirmar que os estudos realizados nos possibilitaram uma ampliação em nossos conhecimentos acerca da compreensão sobre afetividade a partir de práticas indisciplinadas.

Palavras-chave: Afetividade, Indisciplina, Práticas Pedagógicas.

Introdução

Este texto foi construído à medida que, enquanto docentes, passamos a refletir sobre o aumento significativo de casos de indisciplina, algumas vezes acompanhados de casos de violência, na escola, bem como dos dados expostos na mídia quase que diariamente. Vale ressaltar que além dos estudos acerca da indisciplina tivemos, ainda, os primeiros estudos de modo mais sistemático e efetivo sobre a concepção de afetividade na teoria walloniana e este momento se deu durante a nossa participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB e teve como foco a discussão da afetividade em sala de aula. Nossos encontros eram realizados

mensalmente e, em alguns momentos, quinzenalmente para estudarmos a teoria walloniana, partilharmos experiências acerca das nossas compreensões, bem como realizarmos estudos com professores em uma escola pública estadual da cidade de Cajazeiras/PB.

Esses encontros nos oportunizaram pensar a formação docente para além da formação específica que se recebe, na graduação especialmente, pois durante todos os anos do Curso não vemos a discussão da afetividade na perspectiva walloniana, de modo mais sistemático e aprofundado, mas apenas como orientações de leituras junto a outros especialistas como da teoria vigotskyana e piagetiana.

No contexto atual em que a escola está inserida, o entendimento da pessoa de forma integral, considerando a afetividade, a cognição e o ato motor, torna-se imprescindível e o professor durante sua formação inicial e/ou continuada não pode se isentar de tal comprometimento, pois a afetividade é considerada importante para que a aprendizagem escolar seja viável. Embora esta compreensão seja necessária, nem sempre é o que ocorre nas práticas pedagógicas de diferentes salas de aula, sendo, em muitos casos, negligenciada o seu discurso e/ou efetivação nas relações estabelecidas na instituição escolar.

No entanto, não há como dissociar a discussão da afetividade e cognição na prática educativa, bem como não há como dissociar a prática pedagógica do professor mediante o trato para com os casos de indisciplina, sendo esses, na maioria das vezes, os maiores violões dos processos de ensino-aprendizagem e “Muitas das vezes, os professores entram em choque com os alunos por causa dos problemas de indisciplina, e a empresa escolar segue com a máxima ‘o freguês tem sempre razão’” (Tiba 2013, p. 162).

Comumente atentamos para a prerrogativa posta na LDB 9.394/96 que preconiza a formação integral do indivíduo, no entanto, não operacionalizamos para os aspectos emocionais, focando apenas no desenvolvimento cognitivo. Podemos dizer que a discussão da afetividade é fundamental na relação estabelecida em sala de aula por criar um clima propício à construção de novos conhecimentos (SÉRGIO LEITE, 2006).

Trazer à tona discussões acerca da afetividade na prática pedagógica, para sairmos do entendimento do senso comum em que afetividade é simplesmente utilizar tonalidades suaves e tratar bem o outro, aqui no caso o aluno em diferentes situações de sala de aula, não é uma tarefa simples, uma vez que muitos professores enfrentam verdadeiros desafios no como lidar com alunos que lhes chamam palavrões, que não cumprem regras, que são inquietos e atrapalham a dinâmica de seu trabalho, que não realizam as atividades que batem nos colegas e algumas vezes, também no professor.

Tal realidade nos impõe sairmos da posição de meros expectadores e aplicadores de conteúdos programáticos. Considerando, que atualmente, mediante a estrutura social, na rede pública lidamos com os diversos casos de indisciplinas que podem estar atrelados a casos de violência e maus tratos que os educandos trazem de casa que eclodem na escola, e o professor, sobretudo, precisa saber mediar essa situação com os alunos para que não o tome como coitadinho, nem tampouco seja insensível para com sua realidade. Portanto, tratar de afetividade na perspectiva walloniana é entender que tanto o aluno, quanto o professor são afetados diariamente num entrelaçado de situações em que ambos poderão ser marcados significativamente.

O papel da afetividade na teoria walloniana

Após conhecermos a teoria walloniana, modificamos nossa forma de enxergar as problemáticas de relações interpessoais vivenciadas na escola, bem como tivemos acesso à compreensão do conceito e assim podemos destacar que para Wallon (1879-1962)

O termo se refere à capacidade do ser humano ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. (in SALLA, 2011 pag.1).

E, seus principais conceitos vêm que esta se baseia na discussão da relação entre a criança e seu meio social, além das mudanças que se processam em diferentes momentos de seu desenvolvimento, pois podemos dizer que “Wallon objetiva compreender a gênese dos processos psíquicos do ser humano, apresentando uma concepção de desenvolvimento que inclui, de forma integrada, as dimensões intelectual, afetiva e motora” (NUNES, 2009, p.109).

Sabemos que a aprendizagem das crianças está relacionada às fases de desenvolvimento em que passa, embora saibamos, ainda, que estas fases não são determinantes, pois ao apresentar cada estágio Wallon descreveu as crianças da sua época e do seu contexto e hoje se faz necessário revermos, pois, o contexto é outro, bem como as crianças possuem comportamentos diferenciados, inclusive com uma carga de estímulos e interferências bem maiores, advindos das relações sociais vivenciadas.

Sendo assim, podemos afirmar que “[...] as crianças, quando estimuladas pela convivência com outras, podem apresentar um desenvolvimento cognitivo diferenciado de outras da mesma idade, de acordo com as intervenções do meio em que está inserida”

(MACCARINI, 2010, p. 25). Assim, é fácil compreendermos o porquê de algumas crianças serem indisciplinadas e outras não, pois além do desenvolvimento cognitivo e motor ser diferenciado em cada criança, seus comportamentos podem ser moldados pelas suas relações, a princípio familiares.

Segundo Ferreira (1986, p. 595) o termo indisciplina pode ser definido como “[...] procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”. Assim aquele indivíduo que vai contra a ordem, que desobedece é um indisciplinado, resta-nos refletir o que leva esse indivíduo agir de tal forma e como o professor reage diante disso, pois é sabido que a indisciplina compromete o bom andamento das aulas ou o bom funcionamento da escola, bem como a aprendizagem do aluno indisciplinado, comprometendo também a aprendizagem dos colegas, pois, o aluno indisciplinado, não atende e não respeita seus dirigentes, nessa hora a escola precisa chamar os pais as suas responsabilidades, pois a “[...] maioria das indisciplinas dos alunos tem reforço dos pais. Mas, será que os pais têm consciência disso?” (Tiba, 2013, p. 210). Para Wallon de acordo com o que descreve Nunes,

Desde o início, o contato com os outros constitui uma dimensão eminentemente social e possibilita que a criança, apropriando-se do universo cultural em que está inserida, construa, progressivamente, condutas superiores (*ou inferiores*) de raciocínio e de ação no mundo (2009, p. 110, grifos meus).

Nesse sentido, a família, a escola e a comunidade exercem um papel essencial no desenvolvimento e na relação da criança com o modo como ela se comporta em sala de aula e na escola. Em muitas situações, ao ser pesquisada a história de vida dos alunos indisciplinados, é sabido que alguns são violentados pelos pais e vivem diferentes situações de descaso e desprezo. No entanto, a escola não pode e nem conseguiria suprir essa carência familiar, assim como, também, não pode ignorar esses fatores. É preciso reforçar a compreensão sobre a formação integral do indivíduo. O professor não tem que ser afetivo ele o é, naturalmente, em meio ao processo educativo. Assim, como o aluno que afeta e é afetado cotidianamente. De acordo com Mahoney (2004, p. 14)

O meio social e físico, por sua vez, coloca exigências a que a criança precisa responder para sobreviver e se adaptar a ele. Ao mesmo tempo, fornece os recursos que darão forma e conteúdo a essas respostas. Isto é, a cultura determina o que a criança precisa aprender e como, para se adaptar a essa sociedade. Basta pensar em culturas diferentes como a ocidental, a oriental, a indígena para perceber como variam o que a criança precisa aprender e os recursos usados para essa aprendizagem.

O foco da discussão da teoria walloniana é a relação da criança com o seu meio, que possibilitam mudanças e transformações no seu comportamento e que a fará se constituir como pessoa. Para Wallon a afetividade é um importante aspecto a ser considerado no desenvolvimento do indivíduo, uma vez que esta estabelece os primeiros contatos da criança com o mundo, através dos impulsos emocionais vividos, inicialmente, com a figura da mãe, mas é importante frisar que a emoção se distingue da afetividade, embora caminhem juntas.

Podemos dizer então que a emoção é “[...] visível, fugaz, intensa e sem controle [...]” (MAHONEY, 2004, p. 18) e a criança faz uso da emoção para atrair as pessoas ao seu redor, a fim de que supram suas necessidades, sendo este um meio para, também, se comunicar. Podemos dizer que a emoção seja a primeira manifestação da afetividade por não poder ser controlada pela razão. A criança utiliza alguns artifícios que são mais conhecidos como: o choro, o riso, a mímica e a careta, gritos, correr na sala, riscar mesinhas ou paredes e algumas vezes até bater, para atrair a atenção das pessoas que cuidam dela.

Ao estudar a criança, Wallon defende que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva, que coexistem e atuam de forma integrada, além de defender que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito, quanto do ambiente, que a afeta de alguma forma. Por isso a necessidade a escola agir, considerando as capacidades da criança em obedecer às regras e compreendendo o porquê das mesmas não obedecerem. La Taille (2002, p.9) analisa que

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Assim sendo podemos dizer que, a criança que segue as regras, não somente na escola, mas nos demais espaços de convivência entende sua posição/função naquele espaço, no caso da escola ela entenderá que está para participar de um processo educativo e formativo que exige atenção e respeito para com o grupo. De acordo com Nunes (2009, p. 111) que “[...] a concepção Walloniana da infância concebe o ser humano como biologicamente social, um ser cuja estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para avançar constantemente em seu desenvolvimento”. Diante dos comportamentos de indisciplina é preciso haver uma intervenção, porém muitos professores encontram-se de mãos atadas, pois não sabem lidar com os mesmos e a instituição como um todo, torna-se omissa encarregando apenas os professores

de agirem, quando bem sabemos se trata de uma intervenção a nível de escola que busque sobretudo apoio e parceria dos pais.

Para Wallon “[...] as situações de conflito marcam o desenvolvimento do sujeito, podendo advir das próprias contradições entre o que ele espera, almeja e o que ocorre em sua relação com o ambiente do qual faz parte” (NUNES, 2009 p.113). Diante dessa afirmação compreendemos que além das situações de conflito, vivenciados na escola que podem interferir nos comportamentos indisciplinados ainda há os fatores relacionada a determinadas fases do desenvolvimento da criança, como nos *estágio impulsivo-emocional*, *estágio do personalismo* e *estágio da adolescência*, em que predominam as emoções. Dessa forma é imprescindível entendermos de acordo com Nunes (2009, p. 111) que

[...] a duração de cada etapa, e as idades correspondentes são variáveis, pois estamos diante de uma concepção de desenvolvimento que enfatiza os processos interacionistas da criança com o meio social e, não, uma lógica linear referente apenas ao fator etário.

Como mencionado, a criança é um ser que está em constante mudança, pois seu desenvolvimento está relacionado tanto a fatores biológicos, as características individuais, quanto aos fatores externos e sobre esses últimos vale salientar que a escola vem sendo cobrada mediante as práticas de violências contra as crianças e adolescentes (maus tratos, abandono e negligência, abuso e exploração sexual, trabalho infantil, dentre outras), essas evidentemente deixam as crianças vulneráveis à capacidade de interagirem no processo de aprendizagem e comprometem as relações afetivas entre elas e professores.

No decorrer da vida a criança passará por vários estágios que farão surgir alterações comportamentais. A partir desse entendimento vale frisar que as etapas em que predominam a afetividade são momentos mais ligados a construção de si, no contexto de interação em que as crianças são submetidas cotidianamente. De acordo com Dér (2004, p. 75), a partir da teoria walloniana,

[...] as manifestações epidérmicas são substituídas por novas exigências afetivas, como, por exemplo, a necessidade de atenção que a criança no estágio do personalismo apresenta e a necessidade de respeito e justiça reivindicada pelo adolescente. Perceber e compreender essas mudanças representa um caminho eficiente para resolver boa parte dos conflitos que surgem na relação eu-outro.

A partir desse entendimento, percebemos que a criança passa por um longo processo de rupturas e continuidades quando se encontra em determinados estágios e se faz necessário que

os adultos procurem agir conforme os limites que elas mesmas apresentam, sem obrigá-las a exercitar ações que não estejam dentro de suas capacidades físicas e/ou cognitivas e, sobretudo afetivas.

Nesse sentido, podemos destacar o papel da escola, como também do professor na vida da criança, uma vez que contribuem com a reflexão, resolução de conflitos e dificuldades enfrentadas diariamente. Sabemos que o professor exerce um papel fundamental no desenvolvimento e na relação da criança com o conhecimento à medida que valoriza as experiências oriundas do seu contexto, faz as devidas intervenções e proporciona a ampliação desses conhecimentos, portanto lidar com essas problemáticas que afetam, significativamente, as crianças se torna mais um desafio da escola.

É importante frisar que para se ter um processo ensino-aprendizagem satisfatório é necessário que o professor/a saiba conduzir e avaliar todo o processo por ele escolhido, considerando que o planejamento das atividades não podem estar dissociados da compreensão acerca das vivências pessoais das crianças, os objetivos propostos e a avaliação de todas as etapas. Para que este momento seja viável é necessário que o professor conheça as reais necessidades das crianças, seu contexto, as condições em que está submetida e possa a partir disso oportunizar atividades condizentes com a sua realidade (NUNES, 2009).

A afetividade em questão: repensar a formação docente

Atualmente o contexto social no qual estamos inseridos vem sendo bruscamente afetado pelas relações de interesses imediatistas e individuais onde as pessoas têm vivenciado, em seu âmago, um comportamento centrado na sua própria vida, desconsiderando, assim, a existência do outro. Nesse cenário, podemos destacar como essencial para que existam mudanças na prática pedagógica de professores, bem como na nossa vida particular a preocupação com a discussão da afetividade, considerando não apenas o que entendemos no senso comum, mas trazer para a reflexão discussões teóricas que possam embasar e dar suporte para entendermos os mais diversificados comportamentos.

Diante dessa compreensão nos perguntamos diariamente: qual o papel da escola, enquanto instituição essencial à formação humana, para intervir nessa realidade? Como a afetividade tem sido ou não evidenciada no comportamento humano? E qual tem sido a prática do professor para intermediar o comportamento de seus alunos em sala de aula?

A escola é uma instituição indispensável ao desenvolvimento humano, pois ainda hoje, embora com todas as mudanças de comportamento, de perspectiva e de individualismo ela é

considerada como o espaço que pode tirar o indivíduo da ignorância e da falta de saber específico para vivermos em sociedade, ela é, também, juntamente com a família, responsável pelo desenvolvimento integral de seus alunos com isso deve acrescentar em seu currículo algo que vá além dos conteúdos pré-estabelecidos, mas que leve em conta as peculiaridades do local, das pessoas, seus costumes e tradições.

É nessa instituição que temos a oportunidade de conviver e interagir com uma grande diversidade de grupos, com expectativas e anseios diferenciados e percebermos que a existência do outro, na nossa vida, é para realizarmos um trabalho conjunto em busca de melhorias na aprendizagem, bem como no desenvolvimento da criança. Desse modo, evidenciamos a necessidade de uma discussão mais aprofundada da afetividade tendo em vista que esta proporciona uma convivência harmônica entre os envolvidos no processo educativo, mais especificamente, e favorece o processo ensino-aprendizagem.

Ou seja, não basta apenas culpabilizar os professores pelos casos de insucessos de alguns alunos, podemos refletir isso a partir dos fatores que são elencados (LA TAILLE, 1996; AQUINO, 1996; REGO, 1996; ARAÚJO, 1996) como possíveis causadores de manifestações de indisciplina no contexto escolar que é a perda de autoridade do professor, professores desmotivados e desqualificados, aula pouco atrativa, que não estimulam a participação dos alunos.

Sabemos que o processo de aprender, nos trazem fatores diretamente ligados ao contexto escolar, porém há toda uma rede social que circunda esses alunos e não podemos esquecer que a própria indisciplina acarreta uma série de implicações à prática pedagógica. Outro fator é a visão dos diferentes envolvidos na instituição (professores, técnicos, gestores, pais e alunos, entre outros) sobre as causas da indisciplina. Por exemplo, o porteiro acha que é culpa do professor o aluno que sai da sala, a merendeira que diz: menino teu professor não lhe deu educação, dentre tantos outros exemplos que só consubstancia a necessidade da problemática da indisciplina ser tratada como um problema da escola.

Obviamente que essa é a lógica que nos faz pensar sobre a necessidade de nos conscientizarmos acerca dessa discussão, especialmente voltada para as relações estabelecidas no ambiente escolar, entre professores e alunos, destes entre si, juntamente com toda a comunidade, pois a forma que a escola tem se mostrado, atualmente, tem nos preocupado à medida que encontramos sonhos desfeitos, crianças que não veem razões para aprender a ler e escrever, pois precisam ajudar no sustento da família, chegam sem uma referência familiar, tristes e revoltados pelos modos como são tratados em casa, dentre tantas outras situações em que foram afetados e professores sobrecarregados com dois vínculos que os levam a um maior

número de relações estabelecidas entre alunos, pais e colegas de trabalho e a gestão que se encarrega apenas dos processos burocráticos.

Podemos dizer, inicialmente, que falta uma estruturação didática pedagógica que considere os aspectos afetivos, cognitivos e motores das crianças de modo inter-relacionados, em diferentes faixas etárias, como indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse cenário em que se lastima a carência da discussão da afetividade entre os indivíduos em sociedade, cabe a escola e mais precisamente ao professor investir em um modelo educativo que vise realmente o desenvolvimento integral do educando, considerando a afetividade como propulsoras de um melhor desenvolvimento e rendimento escolar.

Essa conscientização, por parte dos professores e demais funcionários da instituição com relação à compreensão do que seja a afetividade para além dos cuidados imprescindíveis e da utilização de tonalidades suaves na voz, faz com que percebamos que esse entendimento fará com que a criança se sinta mais confiante, segura e, conseqüentemente, demonstre suas reais condições de estar e permanecer no ambiente escolar.

É exatamente esse desejo que deve haver por parte do aluno ao aprender, do contrário, o ensino se tornaria uma obrigação e não um ato de alegria e entusiasmo, pois é imprescindível que entendamos que o papel da afetividade não está somente nos gestos de carinho e de afago, mas, principalmente, relacionadas aos gestos de encorajamento do aluno, de confiança e de respeito mútuo. Segundo Freire (1996, p. 142),

A atividade docente de que o discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas, faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Evidentemente que essa alegria gerada pelo comprometimento com a educação escolar das crianças faz com que o espaço da instituição não seja apenas um lugar obrigatório, mas também por escolha, pois a partir do momento em que o aluno adquire confiança na figura do/a professor/a ele passará a enxergar com mais clareza seu verdadeiro papel.

Sabemos que o professor em sua formação inicial, em muitas universidades, não tem contato direto com a discussão da afetividade na perspectiva walloniana, o que faz toda diferença quando começamos a entender o que é este assunto tão falado cotidianamente e ao mesmo tempo tão complexo, pois à medida que entendemos que a afetividade é um conceito

amplo em que afeto e sou afetado pelo outro de forma agradável e/ou desagradável faz com que percebamos as reais necessidades de um bom relacionamento em sala de aula.

Assim também deve ser sua formação continuada, uma sequência de reflexões teóricas e práticas sobre sua realidade, pois à medida que o professor está inserido em um ambiente de sala de aula, convivendo com um público diversificado e demonstra ser uma pessoa de fácil acesso fará com que o aluno sintam-se mais próximo e, dessa forma, esta atitude poderá facilitar seu trabalho, pois o “[...] grande desafio do professor, que teve uma formação na qual sua integração não foi levada em conta, é enxergar seu aluno em sua totalidade e concretude” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 02).

Considerações Finais

De fato, podemos concluir que não há como se pensar em um ensino escolar desvinculado da relação afetividade e cognição, embora este seja, muitas vezes, o foco de inúmeras reflexões voltadas à compreensão do processo ensino-aprendizagem. Vimos que Wallon em sua teoria estudou a psicogênese da pessoa completa, ou seja, segundo ele para estudar a cognição também deve estudar o desenvolvimento motor e afetivo, pois essas instâncias interagem e atuam de forma integrada constituindo a pessoa, pois como foi refletido muitos problemas que circundam o ambiente escolar advém de um desses aspectos de desenvolvimento da criança.

No caso da indisciplina, pensamos estar relacionado com o desenvolvimento das emoções que se mostram em meio ao processo afetivo. Tanto professor quanto alunos e a comunidade escolar são afetados mutuamente pelos modos como agem diante das situações, principalmente as adversas.

Por estas e tantas outras razões é que a discussão da afetividade na formação inicial e continuada de professores deve ser uma constância para não chegarmos ao final do Curso de Pedagogia, mais especificamente, defendendo que a afetividade é ser tolerante, amável e doce com aquelas pessoas que queremos bem e as demais devem ser consideradas fora do nosso alvo de preocupação pedagógica. Sendo assim, podemos dizer que não é possível enxergarmos a afetividade de forma isolada, pois devemos estudar e entender a criança de forma integral, pois a escola é o local, *a priori*, de construção do saber, do formar e transformar indivíduos comprometidos com o bem-estar de todos e isso não se dá de forma descontextualizada.

Finalizamos, reafirmando que é imprescindível compreendermos que se existe uma relação pedagógica voltada para o crescimento e desenvolvimento da criança será possível,

também, que as construções de novos conhecimentos sejam vivenciadas de forma satisfatória. Para tanto, entendermos os processos cognitivos, motores e emocionais estão interligados e merecem igual atenção, pois a escola e/ou a prática docente que prioriza apenas um corre o risco de não fluir mediante a problemas como a indisciplina.

Mediante o exposto, reafirmamos o ensejo da relevância dos estudos sobre a afetividade no contexto escolar, principalmente diante das novas realidades em que os alunos atrelados a condições de vida subalternas, sem orientação familiar (filhos que não respeitam pais, que os agredem e vice-versa) estão cada vez mais presentes nas escolas, sem contar com os casos de violência. Wallon, foi considerado nesse estudo como o precursor da compreensão dos processos afetivos no contexto escolar. A educação precisa permear seus processos nessa perspectiva de consolidação dos processos de ensino-aprendizagem diretamente atrelado aos processos psíquicos emocionais dos educandos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G.(Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3a ed. São Paulo: Summus, 1996. 148 p.

ARAÚJO, Ulisses F. de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394/1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Diário Oficial 23 dez 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 11/01/2018.

DÉR, Leila Cristina Simões. **A Constituição da pessoa: dimensão afetiva**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). **A constituição da Pessoa na Proposta de Henri Wallon**. São Paulo Brasil: Edições Loyola, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio**. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2002.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. In: **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MACCARINI, Justina Motter. **Fundamentos e metodologia do ensino de matemática**. Curitiba: Editora Fael, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). A constituição da Pessoa na Proposta de Henri Wallon. São Paulo Brasil: Edições Loyola, 2004.

_____. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, pp. 11-30.

_____. (Orgs.). **Psicologia e Educação.** São Paulo Brasil: Edições Loyola, 2000.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia da Aprendizagem:** Processos teorias e contextos. Brasília: Liber livro, 2009.

REGO, Teresa C. R. A. indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

SALLA, Fernanda. **O Conceito de afetividade de Henry Wallon.** novaescola@fvc.org.br. Outubro 2011. novaescola@fvc.org.br

TIBA,, Içami. **Disciplina:** limite na medida certa. São Paulo: Interage Editora, 2013.

WALLON, Henri. **Psicologia da Educação e da Infância.** Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.